

MEMÓRIAS EM CLASSES MULTISSERIADAS EM ÁREAS RURAIS DO RECÔNCAVO DA BAHIA: UMA EXPERIÊNCIA DE POSSIBILIDADES NO PERÍODO DE 1961 A 1969

*Patrícia Carla da Hora Correia (UNEB)**

*Deysiene Cruz Silva (UNEB)***

RESUMO

O presente estudo visa instigar discussões, ao (com)partilhar algumas memórias da prática docente em classes multisseriadas, na área rural, de uma professora aposentada, do Recôncavo da Bahia. A experiência aconteceu em duas cidades do Recôncavo – BA: São Felipe e Castro Alves, entre 1961-1969. As memórias emergem a partir da realidade de construção e dificuldades na efetivação da educação na área rural. Para além de analisar a vivência, o artigo buscou cristalizar em palavras vivas o que, em meio a muitos fragmentos, foi possível, das muitas histórias em classes multisseriadas entrelaçadas no ensino rural. É uma pesquisa de natureza qualitativa, através da metodologia da História Oral. Para desdobramento desta pesquisa o referencial teórico fundamenta-se na perspectiva da História Oral e da docência em classe multisseriada e educação rural. As memórias transmitidas pela professora permitiram conhecer um pouco da realidade do ensino na área rural, naquela época, enfatizando primordialmente as dificuldades enfrentadas que, transformadas em possibilidades, resultaram em práticas docentes importantes nesse processo de aprendizagem da educação formal, na educação do campo. **Palavras-chave:** Memória. Classes Multisseriadas. Educação do Campo.

ABSTRACT

MEMORIES IN MULTISSERIATED CLASSES IN RURAL AREAS OF
THE BAHIA RECONCILE: AN EXPERIENCE OF POSSIBILITIES IN
THE PERIOD FROM 1961 TO 1969

The present study aims at instigating discussions by sharing some memories of teaching practice in multisite classes in the rural area of a retired teacher

* Doutora em Educação. Professora e Orientadora do Mestrado em Educação de Jovens e Adultos – UNEB. Coordenadora do Grupo de Pesquisa do Programa de Educação Inclusiva – PROGEI-UNEB. E-mail: patricia@inclusãodahora.com.br

** Assistente Social e Mestre em Educação de Jovens e Adultos pela UNEB. Membro do Grupo de Pesquisa do Programa de Educação Inclusiva – PROGEI-UNEB. E-mail: deysienecruz@hotmail.com

from the Recôncavo da Bahia. The experiment happened in two cities of the Recôncavo - BA: São Felipe and Castro Alves, between 1961-1969. The memories emerge from the reality of construction and difficulties in the effectiveness of education in rural areas. In addition to analyzing the experience, the article sought to crystallize in living words what, among many fragments, was possible, of the many stories in multiseried classes intertwined in rural education. It is a research of a qualitative nature, through the methodology of Oral History. To unfold this research the theoretical framework is based on the perspective of Oral History and teaching in multi-seriado class and rural education. The memories transmitted by the teacher allowed us to know a little about the reality of teaching in the rural area, at that time, emphasizing primarily the difficulties faced that, turned into possibilities, resulted in important teaching practices in this process of learning formal education in the field education.

keywords: Memory. Multiseried classes. Possibilities.

RESUMEM

MEMORIAS EN CLASES MULTISERIAS EN ÁREAS RURALES DEL RECONOCIMIENTO DE BAHIA: UNA EXPERIENCIA DE POSIBILIDADES EN EL PERÍODO DE 1961 A 1969

El presente estudio pretende instigar discusiones, al (a) compartir algunas memorias de la práctica docente en clases multiserias, en el área rural, de una profesora jubilada, del Recôncavo de Bahía. La experiencia tuvo lugar en dos ciudades del Recôncavo - BA: San Felipe y Castro Alves, entre 1961-1969. Las memorias emergen a partir de la realidad de construcción y dificultades en la efectivización de la educación en el área rural. Además de analizar la vivencia, el artículo buscó cristalizar en palabras vivas lo que, en medio de muchos fragmentos, fue posible, de las muchas historias en clases multiserias entrelazadas en la enseñanza rural. Es una investigación de naturaleza cualitativa, a través de la metodología de la Historia Oral. Para desdoblamiento de esta investigación el referencial teórico se fundamenta en la perspectiva de la Historia Oral y de la docencia en clase multiserie y educación rural. Las memorias transmitidas por la profesora permitieron conocer un poco de la realidad de la enseñanza en el área rural, en aquella época, enfatizando primordialmente las dificultades enfrentadas que, transformadas en posibilidades, resultaron en prácticas docentes importantes en ese proceso de aprendizaje de la educación formal, en la educación del campo.

Palabras-clave: Memoria. Clases. Multiserias. Posibilidades

Reflexões Iniciais

“Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho” (BOSI, 1994, p. 17).

O presente artigo tem como finalidade apresentar a memória da professora aposentada, Helenízia, mulher negra, sobre sua vivência pedagógica em classes multiseriadas, em áreas rurais.

Parte de suas memórias, aqui apresentada, visa trazer reflexões sobre essa experiência singular na área da educação do campo, modalidade ainda pouco discutida pelos estudiosos da educação, contudo, importante e necessária, que se constitui como direito e precisa ser de garantia para a população rural.

De acordo com Louro (1997), estudos sobre mulher negra, dentro do sistema educacional, passou por processos de segregação, não obtendo oportunidades igualitárias. A professora pesquisada, negra, se sobressai por sua *práxis* diferenciada, em uma modalidade de ensino que merece as reflexões aqui apresentadas, fruto da pesquisa (auto) biográfica, se constituindo em importante estudo para o meio acadêmico.

Resgatar a memória da Professora Helenizia Santana, nascida em 15 de novembro de 1945 em São Felipe, cidade de médio porte do Recôncavo da Bahia, filha caçula de uma família humilde, a família de Sr. Júlio (*in memoriam*), é cristalizar uma linda história de limites e de possibilidades. Sr. Júlio era conhecido na cidade como Sr. Júlio Lampião, pois na época não existia energia em São Felipe e este pai de família tinha como seu serviço durante a noite, através da Prefeitura local, de acender os lampiões para iluminar a todos(as) da cidade.

A mãe da Professora Helenizia, de nome Jardilina, faleceu quando a professora ainda era muito pequena. Com isto, a família de Pró Lene, passou a contar com o cuidado e dedicação da respeitada irmã caçula de Sr. Júlio, a conhecida Tia Mira, que dedicou seus 99 anos de vida para cuidar desta família.

A professora conta sua história e a cada encontro com a pesquisadora recebe-a sempre sorrindo e feliz pela experiência de narrar suas lindas vivências. Na sua fala, afirma que “[...] a vida sempre nos apresenta difi-

culdade, mas, ela se torna mais fácil e possível, basta ter boa vontade” e conforme Kant (1951) já dizia, realmente basta ter boa vontade para as coisas acontecerem. O filósofo ainda afirma que é um dever para além do dever apenas como obrigação, mas principalmente como uma moral a ser desvelada e tal experiência que envolve “dever” e “amor” pela educação é experimentada pela Professora Helenizia em cada fala sua.

Professora Helenizia Santana, dentre muitas professoras primárias do Recôncavo da Bahia, que entre a década de 1961 a 2008 desenvolveu sua prática docente, rememorou suas experiências ímpares em classes multisseriadas na área rural entre os anos de 1961 a 1969, de uma forma que possibilitou maior compreensão sobre essa prática pedagógica, num tempo em que faltavam recursos.

A professora Helenizia começa sua história narrando que em 1961 foi residir com sua irmã mais nova na cidade de Castro Alves – Bahia. Falar um pouco de Castro Alves-Ba, onde iniciou sua atuação docente com a classe multisseriada, na zona rural da cidade, em 1961, é lembrar do início de uma humilde, porém,, para mim grande história, relata a professora. Anos depois a professora Helenizia retornou para sua cidade de origem, São Felipe e retomou sua prática docente, também em algumas áreas rurais do município, entre o período de 1965 a 1969, período que será desenhado aqui, conforme a memória oralmente contada da querida professora. Em tempo é importante ressaltar que sua trajetória não se limita a este período, com essa bela experiência da educação de campo a partir de classes multisseriada, mas em uma linda história que foi descrita em outro momento, também na modalidade de artigo. Portanto, fica explícito que sua trajetória de vida como professora aposentada é uma his-

tória possível de ser contada em suas entrelinhas por tratar-se de uma vida que, em meio a um percurso árduo foi também permeada de muitos pequenos e expressivos detalhes que transcrevem ao longo de toda história sua dedicação à educação.

A princípio, o presente estudo teve início com a produção de um resumo expandido para o Congresso Interinstitucional Brasileiro de Educação Popular e do Campo, o qual foi aceito e apresentado. Porém, com o contínuo sabor de ampliar a produção em sua riqueza de detalhes, foi possível sua ampliação e memorização através desta importante Revista para o universo da educação. É a memória viva de mais uma etapa desta trajetória de vida, de uma professora que tem seu lugar demarcado nesta sociedade contemporânea na cidade de São Felipe, em sua essência de mulher negra, atualmente pertencente ao segmento etário, pessoa idosa, uma professora que iniciou leiga e concluiu o conhecido Magistério e hoje, uma aposentada que tem seu legado de grande contribuição da educação, em especial na educação da cidade de São Felipe, e se sente muito feliz em participar das pesquisas autobiográficas da autora que, mestranda da UNEB, também foi sua aluna desde o ensino infantil e por quem a professora lhe tem grande estima, o que é recíproco.

É importante pontuar que outra grande experiência de narrativa (auto)biográfica que expressa a memória viva da professora Helenízia faz parte da terceira publicação do Livro Dialogando com a Inclusão III.

(Re)conhecendo a Memória da Professora Helenízia: desafios e possibilidades na área rural

Helenízia Santana é uma professora entre muitas no Recôncavo baiano, cujas práticas

educacionais, entre os anos de 1961 a 1969, foram expressivamente na área rural de duas cidades deste território rico de culturas.

É importante explicar brevemente sobre o território geográfico do recôncavo, onde se concretizou essas experiências narradas, como potencial de uma trajetória de vida e de educação. O Recôncavo baiano é a região geográfica localizada em torno da Baía de Todos os Santos, abrangendo não só o litoral, mas também toda a região do interior circundante à Baía. Geograficamente, o Recôncavo inclui a Região Metropolitana de Salvador, onde está a capital do estado da Bahia, Salvador e outras 33 cidades, entre elas Santo Antônio de Jesus, Santo Amaro, Amargosa, Nazaré, São Felipe, Salinas da Margarida, Cachoeira, Jaguaripe, São Félix, Castro Alves, Maragogipe, Cruz das Almas e outras.

As memórias de uma professora que iniciou sua trajetória como professora leiga nos fazem refletir sobre a importância de protagonizarmos sempre os atores sociais que, através do Estado, asseguram a educação como um dos direitos sociais que tem seu papel de emancipação na vida de cada cidadão e isto no Brasil é feito desde muito tempo de forma muito plural e com uma grande diversidade cultural. Fica então, no presente artigo uma experiência da promoção da educação do campo incorporado de heterogeneidade e através da experiência da Professora Helenízia.

É importante ressaltar que na época narrada ainda não existiam as legislações que preconizam a educação do campo como direito social, no entanto, a prática da Professora Helenízia era desenvolvida para além de um direito, principalmente como possibilidades.

De acordo com Arroyo (1999), a organização escolar com base em ciclos de for-

mação e desenvolvimento humano exige dos(as) educadores(as) novos compromissos com a ação pedagógica. Compromissos que, ao longo da memória, percebe-se que estão pautados em ideias que não estão associadas ao que os estudos determinam como uma educação rural e/ou de campo, pois a professora Helenizia não sabia acerca de ambas. Entretanto, eram compromissos pautados no que Arroyo (1999) organizava sobre o trabalho em ciclos de formação, que necessitava de tempos e espaços, de saberes e experiências de socialização e ensino, da maneira mais respeitosa para com as temporalidades do desenvolvimento humano, tomando como partida “as idades da vida, da formação humana” (ARROYO, 1999, p. 157). Assim, na narração oral da professora ficou explícito que ocorria a alfabetização no contexto do letramento, bem como, o meio de conhecer a história cívica do Brasil, as culturas, em suma a educação dentro das possibilidades, atendendo principalmente a formação humana das crianças e adolescentes envolvidos na experiência narrada.

A professora Helenizia iniciou sua trajetória educacional precisamente no ano de 1961, como professora leiga que, segundo Freire (2001), é a professora sem a formação devida, com sua experiência docente na cidade de São Felipe, na zona rural onde a professora lecionou cerca de um ano no turno matutino. A experiência, conforme lembrou a Professora, foi através de uma classe multisseriada, com criança e adolescente entre as idades de sete a quinze anos, ambos os sexos, da alfabetização ao 5º ano do ensino fundamental.

Destaca-se, na experiência mencionada, que no século XX a educação era desenvolvida dentro das possibilidades e neste contexto as cidades citadas desempenhavam nas áreas rurais a educação através de classes

multisseriadas que, segundo Ximenes-Rocha e Colares (2013, p. 93):

As classes multisseriadas caracterizam-se por reunir em um mesmo espaço físico diferentes séries que são gerenciadas por um mesmo professor [...] as classes multisseriadas funcionam em escolas construídas pelo poder público ou pelas próprias comunidades, ou ainda em igrejas, barracões comunitários, sedes de clubes, casas dos professores entre outros espaços menos adequados para um efetivo processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva percebe-se que trabalhar com classe multisseriada sempre foi um desafio e em tempos remotos ainda mais, pois os(as) professores(as) não eram orientados para atuarem nesses espaços, os quais necessitam de uma organização e tempo.

Contudo, este desafio da (re)organização de uma vivência educativa na atuação com turmas multisseriadas potencializa a memória da professora Helenizia como expressividade do que Freire (1992) afirma, quando diz que a amorosidade nos proporciona o processo educativo, “o encontro amoroso entre os homens que, mediatizados pelo mundo, o “pronunciam”, isto é, o transformam”. Em meio a tantas dificuldades a Professora Helenizia possibilitava o processo de educação e transformação com sua experiência. Desta forma, é importante evidenciar sua memória com a sensibilidade que lhe é peculiar, principalmente entre educadores(as) contemporâneos.

Consciente disso, entendemos que a memória e a trajetória de vida são representações narrativas que propõem ideia de experiências do passado, mas também de contribuição para o tempo presente.

Assim, compreendemos que a memória é como uma construção social que depende do relacionamento, posição, papéis sociais do sujeito com o mundo da vida. Por sua vez

a trajetória de vida pode ser descrita como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa, naturalmente determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo da vida.

Neste sentido, este trabalho conta com a presente pesquisa (auto)biográfica, na centralidade da abordagem qualitativa, de forma que poeticamente potencializa as narrativas de uma professora com vivências em classes multisseriadas em localidade rural.

Partindo deste contexto, a presente proposta científica não é reconstruir a história de vida, muito menos a história das instituições escolares no espaço rural, mas registrar a linda (escre)vivência da trajetória de uma professora e suas práticas, reapresentadas, então, pelas narrativas orais as quais foram emergindo ao longo das entrevistas realizadas.

A princípio o único objetivo em descrever memórias da professora aposentada, Helenizia, era um produto científico publicado no Livro *Dialogando com a Inclusão III*, em 2018. Porém, no decorrer do processo da investigação da memória para o livro anteriormente citado, foi possível perceber que as memórias, através das narrativas orais da professora Helenizia, são mais que uma memória para um único escrito científico, pois favorece a possibilidade de outras diferentes perspectivas de escrita, uma vez que é uma história de vida e de práticas educativas e escolares que, ao ser socializada pode traduzir-se em histórias ressignificativas de humanidade, sentimentos, e principalmente transformação através da educação e memórias vivas que podem colaborar com a realidade das possibilidades por meio da educação.

Inspirada em Fernando Pessoa ao narrar suas histórias para a pesquisadora, a Professora Helenizia afirma que sempre que lhe é

oportuno escrever sobre sua vida [...] manias de professores, rabiscar e muito, risos [...] ela escreve em um livro ata que tem sobre suas experiências como educadora e guarda, pois, diz o poeta “as pessoas podem esquecer o que você fez, o que você disse, mas nunca esquecerão o que você as fez sentir” (PESSOA, 1980) e assim ela deixa escrito em algum lugar muito das suas (escre)vivências para um dia, quem sabe, alguém ler e saber o que ela sentiu por uma vida.

As vivências da Professora Helenizia, através das suas memórias e trajetória de vida, são elementos basilares que evocará, em próxima seção neste artigo, vivências escritas de uma professora, mulher negra e idosa, do interior da Bahia, que merece, através do meio acadêmico, ter suas histórias (com)partilhadas como inspiração para aqueles que acreditam que a educação transforma o educador e o educando, desde que desenvolvida com muita esperança, do esperar de Freire (1992), que é um esperar que requer amor e dedicação pelo amanhã.

(Escre)Vivências de uma Professora em classe multisseriada em áreas rurais no Recôncavo- BA

É visível que, para além da possibilidade de uma maior socialização com os sujeitos envolvidos, para que a transmissão do conhecimento efetivamente acontecesse, o que foi primordial na experiência narrada foi a boa vontade e a forma de acreditar que era possível, mesmo diante de tamanhas dificuldades, como narra a professora.

[...] Eu saía da minha casa na zona urbana (onde reside até hoje), centro de São Felipe, às sete horas da manhã, para ir para a escola. Naquela época não possuíamos tanta facilitação

dade de transporte, os transportes em sua maioria eram animais, porém como eu não possuía animal ia caminhando. Chegava à zona rural onde funcionava a escola que eu ensinava cerca de uma hora [...] (Helenizia, 2017).

A professora conta que ao chegar na escola ela ainda ia varrer, limpar o espaço físico para receber os(as) alunos(as), pois era ela própria a responsável para fazer a limpeza também, já que na época a prefeitura não disponibilizava pessoal para a limpeza e também para a merenda. Era necessária a limpeza da casa, pois o espaço era uma casa domiciliar e conforme narrou a professora, dormiam diariamente uns vaqueiros que trabalhavam na localidade, mas estes tinham acesso ao espaço apenas a noite, porque durante o dia funcionava a escola. Após varrer e tirar a poeira brevemente, a professora abria a escola e aguardava os(as) alunos(as) que iam chegando aos poucos. Relata a professora que os(as) alunos(as) residiam perto, chegavam sempre entre oito e oito e meia. A professora nos conta também sobre a merenda escolar, que na época não existia, cada aluno(a) levava suas frutas, raízes e dividiam uns (as) com os(as) outros(as) e todos se satisfaziam no horário do recreio, que era sempre por volta das dez horas.

O momento para o início das aulas era de alegria e dedicação para ela, pois eram atividades escritas de caderno em caderno, já que naquela época não existia mimeógrafo para rodar as atividades, ou o grande “amigo” da atualidade, o computador [...]. A professora conta que escrevia as atividades nos cadernos dos(as) alunos(as), um a um. Por vezes levava para casa, pois na escola não tinha como fazer as atividades nos cadernos e implementar suas atividades para o processo de aprendizagem dos(as) alunos(as). Quando não levava os cadernos para casa,

fazia as atividades quando os(as) alunos(as) estavam em horário de recreio (merenda)

Ela relata que os cadernos em que escrevia as atividades eram o das crianças de sete a dez anos, pois ainda não sabiam copiar as atividades do quadro negro e, por isso, ela fazia no caderno deles(as).

O grande desafio era este, [...] época em que tinha que procurar, pesquisar como vocês dizem hoje (risos), os conteúdos, de forma que atendesse e principalmente respeitasse o grau de conhecimento de cada aluno(a), pois era uma classe multisseriada, então eles, certamente, possuíam graus de conhecimento diferentes, uns(as) já sabiam ler, outros(as) não sabiam ainda, uns(as) escreviam, outros não (Helenizia, 2017).

A professora afirmou que naquele tempo este era um grande desafio e um trabalho maior para o(a) professor(a), em comparação a hoje que, apesar de termos alunos(as) com as mesmas idades e com saberes diferentes, certamente é possível seguir sequência disciplinar. Na época em que as séries eram multisseriadas, “tínhamos que nos virar, não era como hoje com as contribuições favoráveis da tecnologia”, diz a professora, que verbalizou ensinar as disciplinas de Português, Matemática, Estudos Sociais e Ciências.

Durante a manhã, que era entre as oito e doze horas, a professora iniciava a manhã de aula rezando com os(as) alunos(as) [...] além de rezar, cantava, e muito, com eles(as). Gostava muito de cantar com eles(as) em sala, trazia um sentimento bom, leve e neste momento surgia uma coragem, uma esperança de que sempre naquela manhã, muitas experiências seriam significativas,

e eu percebia que não era só eu, eram as crianças também, pois eles rezavam e cantavam muito, as vezes que acontecia uma eventual situação que atrasasse e não tives-

se o momento da oração e das músicas eles cobravam e manifestavam comportamentos mais agitados, demonstrando que precisavam daquele momento diário [...] (Helenizia, 2017).

Entre tantos processos de aprendizagem a professora aponta também as comemorações das datas como [...] Páscoa, Dia das Mães, Festas Juninas, Dia dos Pais, Dia do Soldado, Dia da Árvore, Dia do Livro, Dia da Pátria, Dia do Estudante, Dia das Crianças, Natal, entre outras, mas confessa que não lembra das mais comemoradas [...]. No momento das comemorações, a professora relata que fazia sempre desenhos no caderno, usava o papel manteiga para copiar o desenho dos livros para os cadernos e papéis oficiais. Era um momento único, eles(as) (alunos(as)) coloriam os desenhos e após colorir [...] ela sempre colocava espalhado pela sala, colava na parede, fazia mural, de forma que ficasse visível a todos(as), depois fazia uma reflexão sobre aquela data:

“a importância de nós sabermos que existe aquele dia em comemoração, mas principalmente que não fique apenas como um dia comemorativo, mas como momentos importantes nas nossas vidas e caminhos [...].

Após o ano letivo, chegava sempre o encerramento das atividades, momento importante em que ela convidava os pais e responsáveis para conversar sobre cada criança e adolescente e era um momento de muitas emoções e histórias, pois os pais e responsáveis agradeciam muito pela construção e pela caminhada que proporcionou efetivamente o processo de alfabetização de uns(as), o processo de aprendizagem de outros(as) e assim finalizavas o ano letivo.

[...] Pra mim foi muito importante cada fala e carinho dos pais para comigo, pois era meu primeiro ano de experiência e mesmo tendo certeza da dedicação, compromisso e amor

com que desenvolvia minhas atividades educativas, era sempre um desafio [...] (Helenizia, 2017).

Neste momento ela relata que contou muito com a ajuda de uma das suas irmãs, que também era professora leiga na cidade e ministrava aulas na própria casa. Ao ser questionada sobre o exemplo da irmã e família, talvez sobre o gostar de ser professora e de iniciar esta linda missão com esta experiência rememorada a professora sorriu e se emocionou dizendo:

[...] na verdade, inicialmente ser professora era o único caminho daquela época, pois meus pais por exemplo eram analfabetos e eram agricultores, mas sempre diziam, vocês “fias” vão estudar para ser professora, tanto que as três filhas mulheres do casal, foram mesmo professoras e por isso uma ajudava a outra, começamos como professoras leigas ainda, a necessidade econômica foi o que nos levou a iniciar desde cedo, mas como eu sempre agradeço, foi talvez a ajuda do destino em me colocar neste lugar(de professora) que além de gostar muito, hoje, olho para trás e não me vejo em outro lugar, senão este mesmo [...] (Helenizia, 2017).

Dando continuidade às experiências da professora, chega a grande mudança, momento de ir morar com uma das suas irmãs, que casou e se mudou de cidade. Como relata a professora “[...] tinha e temos até hoje, que tentar a vida, com coragem, ética e humildade, e assim fui eu, aceitei o convite da minha querida irmã e segui para residir em Castro Alves, sabia por hora que apenas por um tempo”.

A professora conta que, ao chegar na cidade, por influência do cunhado na época, recebeu o convite para lecionar pela Prefeitura Local na Fazenda Bela Vista, onde moravam e então “sabendo meu amor e desejando meu destino de professora, imediatamente aceitei [...]. Era para ensinar

uma classe multisseriada, com aproximadamente trinta alunos(as), idades entre sete e quinze anos, e os horários de aula matutino e vespertino”.

Conta a Professora Helenizia, que não tão diferente de São Felipe, as práticas educacionais se repetiam, quadro negro, atividades no caderno, troca de merendas, datas comemorativas, aproximação e atenção para com os pais e responsáveis, o que certamente fora “diferente” no sentido desafiador, conta a professora que foi “[...] a alegria, experiência viva de sentir muito amor, dedicação e certeza de que aquela prática profissional era mesmo sua maior alegria na vida [...]”. Em Castro Alves a Professora Helenizia viveu por um ano e, apesar de gostar muito da experiência, principalmente de lecionar naquela cidade, precisava retornar para sua cidade Natal, onde seus pais e irmãos precisavam dela, pois o dinheiro recebido por seus trabalhos eram para contribuir com o alimento à mesa da sua família, que neste momento já não possuía mais sua mãe, que faleceu deixando uma tia paterna da professora cuidando da casa e neste período seu pai já possuía outra família e residia em outro domicílio com sua nova família. Então restava da professora e dos seus irmãos e irmãs, se virarem para sobreviver numa dada época que era um tanto difícil. “[...] não era como é hoje, não mesmo [...]”, relata a professora. Foi então chegado o momento de retornar para sua cidade natal e reencontrar seus outros irmãos(as), o que ocorreu por volta de 1965.

Ao retornar para sua cidade, São Felipe, a professora continuou os estudos no único colégio da cidade, ainda no ensino fundamental, momento em que ela só resignificava sua vontade e desejo de lecionar. Paralelo aos estudos a professora continuava em contato com o mundo da docência, neste

momento ajudando sua irmã, que possuía uma escola reforço.

Em 1969 a Professora Helenizia iniciou mais um grande momento na sua história de vida e de contribuição na educação. A professora foi convidada a lecionar em uma classe multisseriada na localidade da Barragem, também uma classe com crianças e adolescentes entre sete a quinze anos, no turno da tarde. A escola funcionava em uma casa rural, no turno da tarde, pois ela estudava no turno da manhã.

[...] eu estudava pela manhã, passava em casa correndo e seguia para a Barragem, neste momento levava algumas crianças que também eram minhas alunas e como eu passava na casa delas para chegar a escola, as mães me pediam e eu gostava, pois me fazia companhia e certamente a distância que era de aproximadamente uma hora, era feita de forma mais suave com a beleza das crianças [...] (Helenizia, 2017).

Mais uma memória da Professora Helenizia, esta por sua vez uma memória que transmite possibilidades de promover dentro de muito compromisso, dedicação e amor a educação e a professora fez questão de pegar ao longo de mais uma sessão de entrevista, objetos que utilizava na época na sua vivência como o mimeógrafo, a moringa de água, os livros, cartilhas em ABC, sua primeira máquina de datilografia (Foto 1).

Foto 1 – Instrumentos de apoio ao ensino



Fonte: Registro da autora - 04/11/2017

Ao rememorar suas experiências, a professora salienta seu cotidiano profissional, que foram diversos, desde esta linda e gratificante experiência com as classes multisseriadas na zona rural, onde necessariamente levou-a a penetrar em um universo de diferentes formas de planejar e atuar com as classes multisseriadas, evocando criatividade, construções, adaptações e, como afirmou Freire (1996, p. 59), “educar não como apenas transferência de conhecimentos, mas criando possibilidades para sua própria produção ou a sua construção. Partindo desta (escre)vivência que potencializa a transmissão de conhecimentos, a Professora Helenizia tem várias outras do seu momento na educação infantil e educação fundamental, conforme já se encontra narrado a partir da produção científica disponível brevemente no Livro Dialogando com a Inclusão III e outras narrativas que estão por surgir.

(In)Conclusões

A narrativa (auto)biográfica da Professora Helenizia é uma maneira de compreender que em meio a tantas dificuldades, realidades e representação rural, existe certamente a possibilidade de uma educação, como afirma Arroyo (1999), que respeite as temporalidades do desenvolvimento humano, mesmo em meio a inúmeras dificuldades espaciais e de recursos. Notadamente essa peculiaridade é expressiva na história narrada pela professora Helenizia, uma experiência docente marcada de muita persistência, sentimento e possibilidades.

As marcas dos enfrentamentos para chegar às escolas nas localidades rurais, a mudança de cidade, evidenciam um olhar feminino transbordado de sentimento ao rememorar sua história e perceber que, apesar de saber que foi importante, nunca imaginava

passar por um momento de reconhecimento, como é o sentimento da professora ao rememorar suas histórias. Uma das principais características expressivas na sua trajetória de vida, foi a capacidade de ideias que nos faz pensar que a professora incorporou, desenvolveu e fez sua parte na educação, em tempos tão diferentes dos dias de hoje, quando temos outra realidade e por vezes nos deparamos com situações tão negativas que destoam do grande e lindo ofício da pedagogia e tal vivência nos faz lembrar o que Fischer (2005) aponta quando diz que é possível perceber a “vocação” para a docência e o peso do apostolado, da missão, do amor e sacrifício posto pelo magistério.

Ao narrar sua história, a Professora Helenizia sempre aponta seus degraus alcançados a cada momento neste processo do seu crescimento pessoal e profissional como professora, dedicada especialmente na sua cidade natal, e afirma a sensação de “dever cumprido” que, mesmo tendo a formação apenas em Magistério, sem oportunidade de continuação na educação do *lato sensu* e *stricto sensu*, a professora possibilita deixar marcada uma realidade de construção de saberes, olhares, gestos, criatividade que transcrevem-se em uma história de vida que alcança muitas histórias de vidas de conterrâneos desta cidade de São Felipe – BA.

E por fim, chama-se de (in)conclusões, porque a cada experiência (auto)biográfica da Pró Lene, surgem outras possibilidades de novas memórias de uma professora muito humilde, porém, com uma experiência educacional pautada no que Freire (1992) afirma: que a “**educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem**”. E este ato, vivenciado por esta professora ao longo de uma vida, precisa ser (com)partilhado sempre.

Referências

ARROYO, M. G. Ciclo de desenvolvimento humano e formação de professores. **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 68, p. 143-187, dez. 1999.

ARROYO, M. G. (Org.). **Da escola carente à escola possível**. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **História e Histórias de Vida**: destacados educadores fazem a história da educação rio-grandense. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A aventura (Auto) Biográfica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. v. 1, p. 143-162.

BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. Histórias de vida e formação de professores/as: um olhar dirigido à literatura educacional. *In*: SOUZA, Elizeu Clementino de & MIGNOT, Ana Chrystina Venâncio (Orgs.) [et. al.]. **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Comunicação e Extensão**. 10. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Professora SIM, tia NÃO**: cartas a quem ousa ensinar. 11. ed. São Paulo: Olho d'água, 1999.

FISCHER, B. T. D. **Professoras**: histórias e discursos de um passado presente. Pelotas: Seiva, 2005, 304p.

MOITA, M. C. Percursos de Formação e de Trans-Formação. *In*: NÓVOA, Antonio (ORG). **A Vida de Professores**. Porto: Porto Editora, 1995.

SANTOS, Helenizia Santana. **Entrevista**: Helenizia Santana Santos. Entrevista concedida a Deysiene Cruz. São Felipe. Dezembro 2017.

SOUZA, Elizeu Clementino (Org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação**: pesquisa e ensino. Porto Alegre: EDPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2006.

SOUZA, Elizeu Clementino. História de vida e formação de professores: um olhar sobre a singularidade das narrativas (auto) biográficas. *In*: MACEDO, Roberto Sidney (Org.). **Currículo e docência**: tensões contemporâneas interfaces pós-formais. Salvador: Editora da UNEB, 2003.

SOUZA, José Edimar de. Trajetória, Docência e Memórias de uma Professora: Fragmentos do Ensino Rural em Novo Hamburgo/rs (1940-1969). Revista **Historia de la Educación Latinoamericana** Vol. 14 No 18, (2012).

THOMPSON, P. **A Voz do Passado**: história oral. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Recebido em: 13/11/2018

Aprovado em: 12/12/2018